

'Chile fez com Pinochet. Não quero isso'

■ Presidente acha que a reforma da Previdência tem que ser discutida e apoiada pela sociedade e não imposta como a do Chile

RITA TAVARES

Correspondente

SÃO FRANCISCO, EUA — O presidente Fernando Henrique Cardoso minimizou a importância da atual crise política, desencadeada com a criação da CPI dos bancos e a derrota da reforma da Previdência. É uma mudança de discurso, já que ele afirmara, no fim da semana passada, que as decisões do Congresso eram prejudiciais ao país. Falando da inserção do Brasil na economia internacional, Fernando Henrique se valeu de exemplos de outros países para falar da crise e disse "que não quer seguir o mode-

lo de desenvolvimento do Chile".

A caminho do Japão, Fernando Henrique disse que a crise do sistema financeiro japonês é muito maior do que a nossa. "Isso é um problema da economia globalizada. Não acho que atrapalha. O Brasil tem se saído bem", afirmou o presidente, comentando os possíveis efeitos da investigação nas instituições financeiras que será feita por uma CPI do Senado. O mesmo tom foi usado para falar da derrota do projeto do governo de reforma da Previdência.

"Isso é uma espécie de acrobacia. É um processo de vai e vem, um

processo longo. Poucos países do mundo contemporâneo fizeram a mesma coisa. Geralmente essas forças recuperaram o atraso econômico com rapidez em regimes autoritários. Nós estamos fazendo isso em regime aberto. E em regime aberto é mais lento. O Chile fez isso com Pinochet. Eu não quero isso. O Brasil está num ritmo razoável", disse. Para o presidente "é mais importante fazer as reformas com negociação e obter um resultado assegurado, com confiança da população, do que simplesmente uma manobra de cúpula que impõe uma regra".

Na noite de sábado, Fernando Henrique conversou com o diretor da área externa do Banco Central, Gustavo Franco, que passou por São Francisco retornando de uma viagem ao Japão, onde acompanhou o lançamento dos chamados bônus samurais no mercado. O relato deixou o presidente entusiasmado já que os bônus foram vendidos num único dia, com taxas de juros reduzidas e com prazo de resgate maior do que os adotados no lançamento dos bônus brasileiros anteriores. "Isso mostra que há confiança da sociedade japonesa no

Brasil", afirmou o presidente Fernando Henrique, que considera o Japão "um grande parceiro do Brasil".

O presidente, que hoje toma café da manhã com um grupo expressivo de 30 empresários americanos, disse que está mostrando as perspectivas do país. "Agora, queremos investimentos diretos", referindo-se aos investimentos em anos recentes localizados no mercado financeiro, o chamado capital flutuante das bolsas valores. E mais uma vez Fernando Henrique estava animado. Citou, como exemplo, o interesse

de 70 empresas americanas no processo de privatização do sistema de telecomunicações brasileiras.

Uma nova pesquisa do Ibope, mostrando que o otimismo da população aumentou neste ano, comparado com 95, era outra notícia que o presidente recebeu do Brasil e que o deixou feliz. "O Brasil tem de ser visto como a China, Índia, os Estados Unidos — países com grandes populações, com pequenas economias diversificadas e grandes territórios - disse, descartando as tradicionais comparações com o Chile e a Argentina.